

**Da Hora, D.; Vogeley, A. 2017. Fonologia
Autossegmental. In: D. da Hora, C. L. Matzenauer (Orgs.).
Fonologia, fonologias: uma introdução (63-80). São Paulo:
Contexto.**

Violeta Amélia Magalhães¹

violetadmag@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

O capítulo “Fonologia Autossegmental”, de Dermeval da Hora e Ana Vogeley, publicado no volume *Fonologia, fonologias: uma introdução*, por sua vez organizado pelos autores Dermeval da Hora e Carmen Lúcia Matzenauer, no ano 2017, consiste numa apresentação e descrição lapidares de uma corrente fundamental da Fonologia – a Fonologia Autossegmental (doravante FA). O texto está dividido em seis partes não numeradas, antes introduzidas por perguntas. As primeiras três partes constituem, por assim dizer, o núcleo informativo do texto, pois é a partir delas que o leitor fica a saber o que é a FA, o que estuda e que procedimentos são utilizados por esta corrente. As restantes três últimas partes do texto procuram contribuir para o conteúdo teórico apresentado anteriormente com dados mais específicos: é dado um exemplo de aplicação da FA, são apresentadas as grandes linhas de investigação dessa corrente fonológica e, por último, são referidas ainda algumas indicações bibliográficas para aprofundamento do tema. A opção dos autores por uma divisão do capítulo em perguntas é pertinente, porquanto, por um lado, constitui uma novidade em relação a outros textos do género e, por outro lado, permite uma aproximação mais direta ao leitor e às suas inquietações teóricas.

A primeira parte do texto serve, então, para apresentar a FA, a sua definição e algumas informações sobre o nascimento desta corrente. Nesse sentido, é feita uma referência à obra de Noam Chomsky e Morris Halle de 1968, *Sound Patterns of English* (doravante SPE), de forma a relacionar, desde o início do texto, a FA com o modelo proposto pelo SPE e com a Fonologia Generativa. Podemos, por isso, falar de uma rutura na continuidade, pois a FA vem

¹ Estudante do 1.º ano do curso de Mestrado em Linguística.

colmatar algumas falhas teóricas do modelo SPE, relacionadas com a linearidade dessa abordagem e com a organização dos traços. Segundo a FA, o modelo SPE falha pela ausência de explicação para os diferentes tons que se aplicam a um mesmo segmento vocálico; pela ausência de explicação para o facto de os tons persistirem mesmo quando o segmento é apagado (por processos de supressão ou dessilabificação); pela não explicitação do nível melódico (prosódico) da gramática; pela ignorância relativamente à noção de tom flutuante e pela falta de tratamento dos movimentos de “espraiamento” (Da Hora e Vogelely 2017:66), doravante *assimilação*, que são tidos como substituições completas. De forma geral, no modelo SPE, os segmentos não interagem, pois a Teoria Generativa Clássica propõe uma “sequência individual de segmentos e de símbolos limítrofes”, na qual os segmentos “constituem conjuntos de traços não ordenados, cada um dos quais de valor binário” (Da Hora e Vogelely 2017:66), tratando-se, portanto, de um modelo linear da Fonologia. Por oposição, a FA vem propor um modelo não linear, em que a representação fonológica é multidimensional e composta por “várias sequências” (Da Hora e Vogelely 2017:66). Assim, torna-se possível considerar várias camadas fonológicas que se associam entre si e que permitem dar conta de vários e diferentes processos fonológicos. A FA é, contudo, uma teoria que permanece na linha delineada pela Proposta Generativa e isso é, desde logo, evidente pela opção de Goldsmith (1976) por uma manutenção da designação ‘segmento’ e não ‘fonema’, ainda que o ‘segmento’ passe a ser visto como algo mais do que um mero conjunto de traços. Desenvolvida então por John Goldsmith na sua tese de doutoramento em 1976, a FA nasce da problematização dos suprasegmentos: de forma geral, o nível prosódico da fala (entoação, acentuação, e.o.), que era, até então, considerado “independente da análise linguística e de qualquer língua específica” (Da Hora e Vogelely 2017: 64). Nesse sentido, Goldsmith (1976) desenvolve o conceito de ‘camada’ (*tier*) - um nível fonológico que se pode ou não aplicar a um segmento, segundo as regras fonológicas da língua. A intenção é “apresentar uma teoria empiricamente mais satisfatória dos fenómenos suprasegmentais” (Da Hora e Vogelely 2017: 64). Trata-se, como já referimos, de um modelo não linear da Fonologia, que vai permitir explicar fenómenos como o tom, que, em certas línguas, é distintivo. A investigação dos sistemas tonais, segundo os autores do texto iniciada por Leben (1973 apud Da Hora & Vogelely 2017) nas línguas africanas, é, de facto, fundamental para a consideração de traços fonológicos que “utiliz[a]m como domínio de especificação um escopo menor do que um segmento” (Da Hora e Vogelely 2017:65) e, conseqüentemente, para o abandono de um

modelo linear da Fonologia, em detrimento dessa nova abordagem não linear, que representa uma mudança de paradigma: o segmento deixa de ser um conjunto não ordenado de traços especificados e o próprio traço passa a ter um estatuto de segmento autónomo ou, segundo Goldsmith (1976), autossegmento. A opção dos autores pela referência ao tom é também relevante, pois contribui com um argumento claro e inequívoco para uma explicação que, para o leitor leigo ou iniciante na matéria, pode não ser facilmente compreensível. Contudo, de outra forma, poder-se-ia explicar o conceito de segmento através do próprio Português Europeu. Consideremos as três seguintes palavras: ma[n]to ([+cor] [+ant]); ma[m]bo ([-cor] [+ant]) e ma[N]go ([-cor] [-ant]). Pela sua comparação, verifica-se que não há uma substituição absoluta de segmentos, mas um segmento /N/ ([+cons] [+nas]) que, consoante o contexto, é articulado de forma diferente. Como tal, o que este exemplo demonstra é que, de facto, não há apenas matrizes de traços, mas camadas anteriores e posteriores, onde se desenrolam outras operações. Um outro aspeto fundamental da FA enunciado por Da Hora e Vogeley (2017:67) é o facto de os traços que formam um segmento poderem “revelar padrões complexos de sobreposição em que uma unidade em uma camada é alinhada com várias unidades em outras camadas”. Há, portanto, uma “organização hierárquica, em que elementos diferentes exercem funções diferenciadas” (Matzenauer 1999 apud Da Hora e Vogeley 2017:67). Os autores falam ainda numa representação fonológica vista como um “objeto tridimensional” (Da Hora e Vogeley 2017:66) que se divide em nível autossegmental, segmental e suprasegmental, sem que se abandone uma visão binária generativa dentro de cada nível e na relação entre níveis.

A segunda parte do texto é intitulada “O que é que a fonologia estuda?” e serve para apresentar os objetivos da FA e o método seguido na procura desses objetivos, de forma a consolidar os conhecimentos introduzidos na secção anterior relativamente à FA. Em termos fonéticos, os objetivos da FA são, essencialmente, compreender a forma como as componentes do aparelho fonador se articulam na produção de sons da fala. Em termos fonológicos, procura-se a representação abstrata dos sons, como de resto em qualquer corrente fonológica, tentando-se dar conta não só do inventário segmental, mas sobretudo do comportamento dos segmentos numa língua, isto é, procurando-se esclarecer a combinação de segmentos em constituintes maiores e os processos fonológicos que estão envolvidos nessas combinações: aquilo a que os autores chamam as “restrições sobre como os vários níveis das sequências se associam” (Da Hora e Vogeley 2017:68). Para tal, desenvolve-se a Geometria

dos Traços (doravante GT) que permite dar conta da organização não linear e hierárquica dos traços (sendo que essa hierarquização poderá ser teorizada de diferentes formas, dando origem a diferentes modelos de GT), mostrando como, na verdade, um segmento poderá ser composto por mais do que um traço e como um traço pode ser suprimido, mantendo-se outras dimensões do segmento. A GT admite traços unários na descrição do segmento, isto é, traços que não funcionam de modo presente/ausente, como os binários, mas que coexistem. Os traços unários não são, contudo, dicotómicos, pois eles articulam-se entre si. Neste modelo de análise, segue-se a teoria X-barra e, mais uma vez, se demonstra a rutura feita na continuidade da FA em relação à Proposta Generativa. A adoção da GT pela FA tem várias consequências positivas tanto para o avanço da Fonologia como para o avanço da própria Teoria Generativa. Entre elas, a simplificação do conceito de regra fonológica e de abstração e, sobretudo, o facto de “com [esta] proposta, muitas regras fonológicas produtivas [passarem] a ser reinterpretadas não como regras que mudam traços, mas como regras que reorganizam a representação” (Da Hora e Vogelely 2017:70).

A terceira parte do texto é introduzida pela seguinte pergunta: “Como analisar fenômenos da língua usando a fonologia autosegmental?” e recupera a secção anterior, explicando alguns pressupostos associados à FA, a saber: a utilização de um método como a GT, já anteriormente apresentado; a ideia de que a fala se processa através de vários articuladores dispostos em camadas independentes; e, ainda, a afirmação de que as regras fonológicas operam uma única vez e de que a organização dos traços é universal. No entanto, se as camadas são separadas e realizadas individualmente em termos acústicos, é necessário explicar como é que as componentes dentro de cada camada se interligam entre si. A resposta de Goldsmith (1976:27) para a interligação entre camadas é a Condição da Boa-Formação (Da Hora e Vogelely 2017:72). Fica assim claro que, no mesmo nó onde se encontra uma classe de elementos, um traço pode funcionar ‘solidariamente’ sobre outro, ocorrendo um processo fonológico. Além dessa condição, são também apresentados outros princípios que regulam o funcionamento da FA: o Princípio do Não Cruzamento de Linhas de Associação, o Princípio do Contorno Obrigatório e o Princípio da Restrição de Ligação. Com esta secção, os autores procuram legitimar o conceito de segmento como conjunto de camadas fonológicas ordenadas hierarquicamente. Em adição, são ainda referidos os diferentes tipos de segmentos disponíveis: simples, complexos ou de contorno, tornando-se assim possível à FA a disposição dos mesmos em classes naturais.

Chegados a este ponto, o leitor mais atento é capaz de sumarizar as informações transmitidas por Da Hora e Vogelely (2017) da seguinte forma: a FA, através da GT, permite considerar a ampla dimensão fonológica de uma língua, tendo em conta as suas particularidades fonéticas e fonológicas através da consideração dos sons da língua como várias camadas de segmentos que se influenciam entre si e que, apesar da sua independência, vão dando origem a processos fonológicos. Na continuação da leitura do texto encontrará as últimas secções, que são exemplificativas.

Em “Poderia me dar um exemplo?” os autores propõem uma exemplificação da FA através da recuperação do fenómeno da assimilação. Na verdade, a assimilação progressiva (ou harmonização vocálica) é um fenómeno já tratado pela Fonologia Generativa Clássica, descrito como a partilha de traços do mesmo tipo por todas as vogais de uma palavra. No entanto, e como referem os autores deste texto, segundo esse modelo, a assimilação era vista como “uma cópia de traços, no qual um segmento copia as especificações dos traços de um segmento vizinho” (Da Hora e Vogelely 2017, 75). Já segundo a FA, o que se acredita que aconteça é um acordo entre segmentos de sílabas sucessivas. Dessa forma, os traços de um Segmento₁ passarão para um Segmento₂, como podemos ver pelo exemplo seguinte:

- (1)
- | | |
|----------------|----------------|
| [m]uito | [mu~j~]to |
| S ₁ | S ₂ |
| [+nas] | [+nas] |

Assim, um autosegmento espalha-se para o segmento adjacente, como no exemplo (1), ou mesmo para segmentos mais distantes, como em casos de harmonia vocálica entre consoantes, como os evocados por Mateus (2003) para os verbos da terceira conjugação em Português Europeu, por exemplo, s[e~]tir -> s[i~]to. Em Da Hora e Vogelely (2017), os autores referem ainda o trabalho de Bisol (1989 apud Da Hora e Vogelely 2017) relativamente ao estatuto fonológico dos ditongos em Português, que constitui um dado fundamental da Fonologia desta língua.

A penúltima secção do texto toma o título de “Quais são as grandes linhas de investigação?” e serve para introduzir ao leitor investigações que decorrem sob a teoria da FA. Como Da Hora e Vogelely (2017) já haviam avançado na secção imediatamente anterior, a FA é altamente produtiva na explicitação de processos de assimilação: quer no português,

como em outras línguas, como o húngaro, o finlandês, o turco e algumas línguas africanas. Ainda segundo os autores, a FA é também altamente produtiva na criação de matrizes subespecificadas de segmentos, o que carrega uma consequente simplificação dos inventários fonológicos. Esta contribuição é também desejada na relação entre linguagem e cognição, na medida em que conhecer a subespecificação segmental de uma língua permitirá compreender melhor qual a estrutura subjacente e abstrata dos segmentos na mente dos falantes. Uma outra contribuição é no sentido da compreensão das fases do desenvolvimento fonológico no processo de aquisição da linguagem pelas crianças, pois tipicamente a criança parte de um sistema estrutural básico para adquirir traços segmentais mais complexos. Além disso, acreditamos que uma abordagem autosegmental pode também ser esclarecedora na aprendizagem de L2, pois, se o falante estiver ciente de todos os processos que ocorrem na língua que pretende aprender, poderá de forma mais eficaz atingir o nível de proficiência pretendido e eventualmente ultrapassar dificuldades de compreensão. Um último campo de investigação a referir é o da morfologia não concatenativa que, segundo McCarthy (1981 apud Da Hora e Vogeley 2017), poderá encontrar na proposta da FA caminhos explicativos. A última parte do texto é, por fim, intitulada “O que eu poderia ler para saber mais?” e serve uma enumeração de trabalhos desenvolvidos segundo a FA.

Em geral, o capítulo “Fonologia Autosegmental” de Dermeval da Hora e Ana Vogeley constitui um texto relevante e, de várias maneiras, aconselhável. Ao leitor mais conhecedor e avançado o texto oferece uma viagem concisa, mas lacónica pelo surgimento e desenvolvimento da FA. Para o leitor leigo ou iniciante no amplo domínio científico da Fonologia, este capítulo reveste-se de um maior interesse e relevância, na medida em que é capaz de munir o leitor de referências, considerações, informações e métodos essenciais desta corrente fonológica. Por isso, recomenda-se a leitura do capítulo “Fonologia Autosegmental” de Dermeval da Hora e Ana Vogeley, por se acreditar que de modo fundamental ou acessório, a leitura deste texto será sempre útil ao conhecimento fonológico armazenado do leitor.

REFERÊNCIAS

- Da Hora, D.; Vogeley, A. 2017. Fonologia autosegmental. In: D. Hora, C. L. Matzenauer (Orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução* (63-80). São Paulo: Contexto.
- Goldsmith, J. 1976. *Autosegmental Phonology*. Tese de doutoramento, MIT.

Mateus, M.H.M. 2003. Fonologia. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria.
(Eds.). *Gramática da Língua Portuguesa* (987-1033). Lisboa: Caminho.